



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - CAMPUS I  
COLEGIADO DE FILOSOFIA**

**O antissemitismo segundo Sartre**

**Rafael Santana de Almeida**

Salvador

2025

**Rafael Santana de Almeida**

**O antissemitismo segundo Sartre**

Trabalho de Conclusão de Curso, sob a orientação do Prof. Dr. Alan da Silva Sampaio, do curso de Filosofia - Licenciatura da Universidade do Estado da Bahia, para obtenção do título de Licenciado em Filosofia.

Salvador

2025

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho de conclusão de curso representa para mim um grande desafio. Concluir um ciclo nunca é uma tarefa fácil, e olhar para trás me faz perceber o quanto a trajetória foi importante. A Universidade do Estado da Bahia (UNEB) me proporcionou grandes amizades, vitórias e também frustrações. Uma das maiores alegrias dessa jornada foi a criação, junto com meus grandes amigos e companheiros de luta racial, o Prof. José Bonifácio do Ampara Sobrinho e o discente e companheiro de turma, Felipe de Melo, do programa *Epopéias e Filosofias Negras*. Com o apoio da coletividade e muito trabalho, conseguimos inserir mais um programa na universidade pública que debatesse temas raciais.

Agradeço de coração à minha querida amiga, filósofa e orientadora de estágio, Prof. Maura Santos, que esteve ao meu lado nos momentos mais difíceis da minha vida e se tornou uma amiga imensa. Juntos, criamos um espaço de debate sobre educação, sobre a vida e os rumos da educação crítica no Brasil. Também sou imensamente grato ao Prof. Alan Sampaio, meu orientador nesta jornada final. O seu apoio não se restringe ao TCC, mas foi um apoio constante ao longo de todo o curso, com livros, conselhos e ajuda em diversos aspectos. Não tenho palavras para agradecer tudo o que fez por mim. Agradeço também com muito carinho à minha professora e orientadora de IC, Katharina Doring, com quem continuo trabalhando em projetos incríveis. Katharina tem sido um pilar de apoio, sempre acreditando no meu potencial como pensador e amigo. Noemi Elis merece meu agradecimento especial. Estivemos juntos no dia da matrícula do curso e ela sempre acreditou em mim como pessoa. Sua amizade e apoio foram fundamentais para que eu pudesse alcançar meus objetivos. E, é claro, não posso deixar de agradecer à minha mãe, Maria Amélia. Ela sempre esteve ao meu lado em tudo, acreditando em mim até o fim, fazendo tudo para me ver feliz. Não tenho palavras para agradecer tudo o que ela fez e faz na minha vida.

Agradeço também profundamente à Universidade do Estado da Bahia (UNEB), que me deu a oportunidade de crescer como pessoa e de traçar novos rumos na minha história. Sou grato aos meus mestres e professores: Ivana,

Julice, Alex Leite, Luciano, Valério, Flavio, Paulo, Maria, Sandro e tantos outros. Não posso deixar de agradecer aos meus amigos e companheiros de turma: Matheus, Felipe de Melo, Felipe Macedo, Enoque, Paulo, Mércia, Romulo, Emerson, Marcelo, Mariza, Tiago, Wander, Jair, e muitos outros. Agradeço também a toda a secretaria e ao corpo docente da UNEB. Aos grandes amigos que a vida me deu, como Lucas, José, Joacyr e Karla, meu sincero agradecimento.

Finalmente, agradeço a todos os meus familiares e a todas as pessoas que fizeram parte da minha vida nesta jornada, que não foi fácil. Entre 2020 e 2022, enfrentamos a maior pandemia do século, e este período foi especialmente delicado. Perdi muitos amigos e vi diversas pessoas saírem do curso. Contudo, sei que cada pessoa tem sua trajetória e escolhe os caminhos que a vida oferece. Agradeço pela força divina que sempre esteve comigo, me fazendo seguir em frente e nunca desistir.

Por fim, agradeço a todos aqueles que não consegui incluir neste agradecimento, pois aprendi que ninguém chega sozinho a lugar algum. E, para concluir, agradeço à vida, à filosofia e à educação, que sempre foi e sempre serão os alicerces da minha trajetória.

## RESUMO

Este trabalho propõe analisar o racismo contra o povo judeu no contexto do século XX, período em que o nazismo se consolidou e dizimou aproximadamente seis milhões de judeus. A partir das reflexões de Sartre em *A questão judaica*, o objetivo é investigar quem é o antissemita, como ele pensa, por que e como racializa os judeus, e como milhares de pessoas foram tomadas por esse sentimento de ódio. Sartre não oferece uma análise histórica do antissemitismo, mas explora a psique, a vontade e a paixão cega pela busca de uma “justiça” distorcida do antissemitismo. Entender a emergência do antissemitismo vai além de compreender o racismo direcionado aos judeus; trata-se de analisar suas diversas manifestações, como o racismo contra negros, asiáticos, indígenas, entre outros. Para isso, recorreremos também a pensadores como Frantz Fanon e Aimé Césaire, cujas obras ampliam essa reflexão. No primeiro capítulo, abordo a importância de questionar a brutalidade da guerra e a subjugação de corpos, assim como o imperialismo e o colonialismo. Essas estruturas de poder, em suas várias facetas, fortalecem o conceito de raça e a ideia de superioridade entre os povos, e é a partir dessa análise que buscamos compreender e combater as múltiplas formas de violência que continuam a marcar o mundo contemporâneo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sartre, Antissemitismo, Judeus, Colonialismo.

## ABSTRACT

This paper proposes to analyze racism against the Jewish people in the context of the 20th century, a period in which Nazism consolidated itself and exterminated approximately six million Jews. Based on Sartre's reflections in *The Jewish Question*, the goal is to investigate who the antisemite is, how he thinks, why and how he racializes Jews, and how thousands of people were consumed by this feeling of hatred. Sartre not only offers a historical analysis of antisemitism but also explores the psyche, will, and passion blinded by the distorted search for "justice" in antisemitism. Understanding the emergence of antisemitism goes beyond comprehending racism directed at Jews; it involves analyzing its various manifestations, such as racism against blacks, Asians, Indigenous peoples, among others. To do this, we also turn to thinkers like Frantz Fanon and Aimé Césaire, whose works expand this reflection. In the first chapter, I address the importance of questioning the brutality of war and the subjugation of bodies, as well as imperialism and colonialism. These power structures, in their various facets, strengthen the concept of race and the idea of superiority among peoples, and it is from this analysis that we aim to understand and combat the multiple forms of violence that continue to shape the contemporary world.

**KEYWORDS:** Sartre, Anti-Semitic, Jews, Colonialism.

*Uma civilização que se mostra incapaz de resolver os problemas que cria é uma civilização decadente.*

*Uma civilização que escolhe fechar os olhos para seus problemas mais cruciais é uma civilização atingida.*

*Uma civilização que usa seus princípios para trapaça e engano é uma civilização moribunda. O fato é que a chamada civilização européia – civilização "ocidental" – tal como foi moldada por dois séculos de domínio burguês, é incapaz de resolver os dois grandes problemas que sua existência deu origem: o problema do proletariado e o problema colonial; que a Europa é incapaz de se justificar perante o tribunal da "razão" ou perante o tribunal da "consciência"; e que, cada vez mais, se refugia em uma hipocrisia que é tanto mais odiosa quanto é cada vez menos provável que engane.*

*A Europa é indefensável.*

*(Aimé Césaire, Discurso sobre Colonialismo)*

## SUMÁRIO

### INTRODUÇÃO

1.0 A “opinião” do antissemita .....	13
1.1 O ódio aos judeus .....	16
2.0 A análise psicológica do antissemita .....	18
2.1 Racialização e ódio .....	19
2.2 O antissemita, um apaixonado.....	21
3.0 O “amigo” do judeu, o democrata .....	25
3.1 O judeu autêntico .....	26
3.2 O fim do antissemitismo .....	27
3.3 O combate ao antissemitismo .....	29
4.0 Considerações finais .....	32

## INTRODUÇÃO

O antissemitismo na Europa do século vinte, irá se elaborar não só de uma forma cultural, também, de uma forma estrutural e política. Quando aproximadamente sete milhões de judeus são mortos em um continente pelo nazismo, um grupo de intelectuais majoritariamente de esquerda, irá se engajar politicamente contra. Nesse cenário, emerge o pensamento de Jean-Paul Sartre. Ao escrever a obra *A questão judaica*, publicada em dezembro de 1946, o filósofo reflete acerca do racismo contra o povo judeu. As questões de extrema importância trazidas por ele, abrem portas para si analisar criticamente não só aquela, como diversas formas de racismo.

Esse trabalho mostra essa obra como corpo central da proposta desse TCC. Entender essa observação filosófica sartriana, nos ajuda a pensar de formar linear quem é o antissemita, o que é o judeu autêntico e inautêntico, por que o democrata quer tornar o judeu em “não judeu”. Este referido projeto, busca através dessas observações, trazer a reflexão sobre o fenômeno do racismo contra os judeus, onde a estereotipação não só é a ferramenta principal, como também ela faz parte do pensamento do antissemita, dos seus anseios, do seu medo e, da sua covardia.

Muitas ferramentas que mantem o racismo no século vinte, ainda se tornam vigentes na atualidade. Entender, analisar, discutir e pensar sobre essas ferramentas, são essenciais para combater o racismo moderno e o nazifascismo, onde pensamentos nacionalistas e extremistas se reelaboram no cenário global. Sartre como intelectual engajado, não está só nessa empreitada, ele tem como contemporaneidade intelectuais das décadas de cinquenta e sessenta, como os martinicanos Frantz Fanon e Aimé Césaire, o senegalês Léopold Sedar Senghor, Leon Damas da Guiana francesa, Albert Memmi franco-tunisiano, Albert Camus franco-argelino, Emmanuel Lévinas da Lituânia entre outros pensadores de sua época que abordaram questões sobre o racismo, o colonialismo, o neocolonialismo, o antissemitismo, o fascismo, o nazismo e outras formas de subjugação racial.

Trazer o racismo para ser analisado, nos ajuda a pensar nos mecanismos de violência que os mantem. Não só obras de Sartre como: *O ser e o nada* (1943), *O existencialismo é humanismo* (1946), *A questão judaica* (1946), *A náusea* (1938), como também os artigos de Marco Antonio Arantes, Renato Lessa, Ernst Simmel, entre outros que abordaremos nesse TCC, serão de suma importância para apresentar uma pesquisa centrada e elaborada nesse tema. Essa temática que está

contida na obra principal, que é a *Questão judaica*, será colocada aqui em sequência onde entenderemos como é construído o antissemita, como ele idealiza o judeu, quais são os fenômenos ideológicos que racializaram esses indivíduos e tornou o antissemita o seu principal algoz, onde se encontra o judeu em uma sociedade que lhe rejeita e, qual seria a solução humanística que Sartre irá colocar como pauta para o combate ao antissemitismo.

O tema antissemitismo esteve na vida de Sartre desde do meado da década de quarenta, ou seja, o pós-guerra. No evento comemorativo dos setenta anos da publicação da obra *A questão judaica*, as ponderações de Sartre sobre esse trabalho, foram contornadas por várias questões importantes e urgentes, como: colonialismo, pós-colonialismo, feminismo, universalismo, particularismo, e a fundação do estado de Israel etc. Como citado, o livro foi publicado no final de 1946, e ele é estruturado seguindo um roteiro básico, começando pelo: o antissemita, o democrata, o judeu inautêntico e o judeu autêntico. Segundo Renato Lessa (2019), o filósofo norte-americano Michael Walzer, em ensaio de apresentação à segunda edição norte-americana, publicada em 1976, resumiu a obra como uma peça dotada de intenções de natureza moral, desenvolvendo o seu principal roteiro sobre os quatro personagens citados anteriormente. São personagens que não interagem entre si, e que separadamente são apresentados ao decorrer da obra.

A primeira parte do livro, a que aborda sobre o antissemita, pode ser considerada a partir mais importante, ela é uma parte independente dos demais capítulos, tendo sido publicada de modo isolado, no terceiro número da recém-lançada revista *Les temps Modernes*, em dezembro de 1945. Logo na primeira ocasião da sua publicação o ensaio recebeu o nome de "*Retrato do antissemita*". Em junho 1947, Sartre explica porque começa o seu ensaio sobre *A questão judaica* e, toma o antissemita como ponto de partida. Para ele, nada poderia ser explicado se tomar como ponto de início o judeu e não o antissemita, porque o antissemitismo é um elemento que antecede a experiência, ou seja, é na alma, ou no interior do antissemita que o núcleo do sistema do antissemitismo surge e deve ser investigado e analisado (LESSA, 2019, p. 3).

As preocupações sociais que marcaram a vida de Sartre e o seu futuro, não surgiram no início da segunda guerra mundial. Ele escreve a "*Transcendência do ego*" em Berlin. Nessa época, sem a chegada do nazi-fascismo, com seu apogeu triunfal, nada pode atrapalhá-lo na sua empreitada de escritor filósofo. Foi necessário um

pouco mais de tempo para acontecer a sua prisão e a sua participação na Resistência Francesa que pudessem operar as mudanças que as décadas de 1950/1960 iriam reconhecer. Precisamos salientar que a segunda guerra, o colaboracionismo francês, o partido comunista, o antissemitismo, a morte de colegas e amigos judeus, entre um deles Paul Nizan, traições sofridas, delações, ameaças, atentados, foram todo um sistema que fez surgir o filósofo odiado do seu século. Nos tempos da École Normal, Sartre já tecia críticas fortes sobre a burguesia que frequentava o mundo artístico e intelectual francês. Teve inimigos como, Raymond Airon, e rompeu grande amizades como Merlau Ponty e Albert Camus (ARANTES, 2011, p. 384).

Mostrar essas faces é não só entender como essas elas acontecem na sociedade onde tem a democracia em pauta, mas é entender a si mesmo, porque a violência, seja ela em qual tom se elabore, ela se compõe e se refina dentro da cultura que estamos inseridos. Tanto intelectuais como Sartre, ou Frantz Fanon, ou Albert Memmi, tiveram grandes preocupações com o tema racismo. Entender a importância emergente de estudar, combater e mostrar as evidências sistemáticas desse fenômeno é, de suma importância para se elaborar e pensar em uma sociedade mais horizontal e humana. O humanismo de Sartre, foi o pioneirismo essencial para fervilhar no meado do século vinte, os interesses de grandes intelectuais sobre a desumanidade que o nazi-fascismo trouxe para o mundo, e como o neocolonialismo vinha se metamorfoseando entre os países imperialistas. Esses dilemas, tornaram não só a vida dos indivíduos que viviam dentro do continente europeu, como também muitos judeus, e milhares de colonizados pelo mundo. Pensar e pesquisar a análise sartriana sobre o racismo, é continuar o trabalho no mundo atual, onde os países dominantes ainda imperam com armas e forças contra os países fragilizados pela ganância e exploração europeia e Norte Americana.

Entender que o racismo surge no seio do continente europeu, e de lá, ele se elabora não mais nas suas gêneses onde a concepção científica primária era comparar um homem com o outro, porém, agora ele ganha um corpo cultural e político, onde a sua concepção de raça busca mostrar a “superioridade” e “universalidade do homem branco”, e a sua estética de vida e sociedade como ideal de ego. O combate a essas concepções elaboradas e reelaboradas dentro do sistema capitalista, levamos a pensar como precisamos discutir essas concepções, e derrubar esse mito. Esse ideal que foi construído e arquitetado para ser um sistema onde o colonizado se sentisse preso, inferior e sem alma, foram e são mantidos por países imperialistas.

Revisitar Sartre é saber como essa ideologia surge no sujeito antissemita, que é o racista na sua face mais plena, onde toda as mazelas raciais espalhadas pelo mundo causadas por ele, precisam ser reveladas e combatidas com as armas do humanismo, da autenticidade, da alteridade, e do combate as elites dominantes.

## 1.0 CAPÍTULO I: A OPINIÃO DO ANTISSEMITA

Jean-Paul Sartre, faz uma análise psicológica do antissemita. Para ele, o antissemita primeiramente alimenta questões antijudaicas para afirmar os seus elementos de ódio. O antissemita atribui todas as desgraças do seu país, e também as suas próprias desgraças à presença de elementos judeus na sociedade em que vive. Ele diz que está dando a sua “opinião”, quando estereotipa o judeu. Sartre afirma que, “Em nome das instituições democráticas, em nome da liberdade de opinião, o antissemita reivindica o direito de pregar por toda parte a cruzada antijudaica” (SARTRE, 1960, p. 5). Questionar o que seria opinião é de extrema importância para Sartre, porque opinião não pode ser fundamentada na violência e, sim na razão. O exame dele se torna mais completo quando sai da questão subjetiva e trabalha na questão objetiva, ou seja, no comportamento perante a sociedade em relação ao antissemita. Sartre afirma que, “Um homem pode ser um bom pai, um cidadão engajado em causas sociais, um grande poeta, um leitor assíduo, uma pessoa que se importa com as causas dos indígenas da África central, tolerante em matéria de religião e mesmo assim odiar os judeus” (SARTRE, 1960, p. 6).

Afirma que o ódio contra os judeus não compõe nem um pouco de raciocínio lógico e, sim um raciocínio maniqueísta, o qual encontra nos judeus o mal, o vilão, o antagonismo, o mito da ambição, e o sentimento de ganancia, nos confirma como o antissemita não se firma na razão, e sim, na irá. A história dos judeus na França, é de suma importância, porque para os odiadores de judeus, eles roubaram o seu lugar no país. Esse argumento, aborda em si umas das codificações dos antissemitas para com os judeus, ou seja, denominar para matar. A crítica sartriana, diz que opinião é quando alguém tece uma crítica à política vinícola do governo, ou seja, que a razão deve aprovar ou não a livre importação de vinho da Argélia, porém não seria opinião uma doutrina que queira tirar os direitos de cidadania dos judeus, ou até matá-los.

O judeu, que o antissemita deseja atingir, não é um ser esquemático e definido apenas por sua função, como no Direito Administrativo; por sua situação ou por seus atos, como no código. É um judeu, filho de judeu, reconhecível por seu físico, pela cor de seus cabelos, talvez por suas roupas e, segundo dizem, por seu caráter. O antissemitismo não entra na categoria

dos pensamentos protegidos pelo direito de livre opinião (SARTRE, 1960, p. 6-7).

Para o filósofo, o antissemita odeia o judeu e seus descendentes, odeia o seu corpo por completo, o estereotipa de todas as formas, não atribui nada que a alma possa ter de bom em um ser humano e, tudo isso, o antissemita diz que é a sua opinião. Ele continua e diz que o antissemitismo é uma paixão, pessoas que afirmam que tem algo nos judeus que os incomodam fisicamente, ou seja, esse asco contra os judeus não encontra em si um pensamento lógico seguindo uma cadência que se pautava nas evidências e no real.

Se o antissemitismo nasce no mais profundo da alma e, se revela no corpo, onde ele está antes de surgir na alma? Essa imagem do “mal”, essa “doença”, esses “parasitas” que perambulam perante a sociedade europeia, não podem ser gente, não podem contaminar a nação, não podem continuar corrompendo a pátria, não podem participar do mesmo tempo e espaço dos seres humanos, esses judeus que roubam nossos lugares na sociedade, que invade nossos “pensamentos puros”, não podem continuar vivendo e se perpetuando. Tanto em Mosco, quando em Kiev, eles merecem a morte (SARTRE, 1960, p. 10). Essa foi a denúncia de Sartre sobre os antissemitas franceses e do partido dos czares da Rússia. Segundo os czares, os judeus ameaçavam enfraquecer o império moscovita, mas na Varsóvia eles poderiam viver para alimentar discórdia entre os poloneses. Mesmo os russos, poloneses e ucranianos sendo contra ao partido nazista alemão, eles odiavam e mantinham o mito de ódio contra o povo de Israel e, defendiam a não integração deles na sociedade.

Sartre continua dizendo que, ter grande quantidade de médicos, advogados, comerciantes e cientistas judeus é um incômodo, porque os judeus tiram os nossos empregos, eles roubam os nossos lugares, mas ter a mesma quantidade ou mais de profissionais normandos não é um problema, ninguém se queixa. Por isso para Sartre, ser antissemita é uma livre e total escolha que cada um tem, é uma paixão, é a escolha da aversão ao outro, é uma concepção do mundo, mesmo cada antissemita tendo certos caracteres mais pronunciados do que o outro, porém, eles se complementam nas suas ideias e anseios, e é nessa totalidade sincrética que Sartre vai analisar o antissemita.

Segundo Lessa (2019), o antissemitismo não pode ser considerado como uma opinião, porque não se encaixa como uma matéria de opinião. Dentre essa afirmação, o que se encaixaria em uma matéria de opinião? Em que domínio categórico

pertencem as proposições antissemitas? Quando Lessa analisa essa questão de Sartre, ele diz:

De modo categórico, para Sartre, o antissemitismo não é uma opinião, e nem a isto se presta. O termo “opinião” pertence a um quadro semântico que sugere variedade de juízos conflitantes e dispersos, dotados de diferentes camadas de sentido e passíveis de distintas intensidades de adesão. Um quadro de conflito de opiniões, por exemplo, sugere a possibilidade e mesmo a necessidade de ação de um operador agnóstico, a ser desempenhado por terceiras partes não envolvidas na querela que estiver em questão. Tal possibilidade, para Sartre, pode ser formalizada no que parece ser a fórmula de uma meta-opinião apaziguadora, com o seguinte enunciado: todas as opiniões são iguais; ademais, assim como o gosto, trata-se de algo que não se deve discutir. (IBID., p. 23).

A opinião do antissemita não pode ser considerada como opinião porque não parte da razão, e sim, de uma paixão. Suas premissas são elaboradas illogicamente, porém esse indivíduo se elabora no mundo e pensa sobre o próprio mundo de uma forma irracional contra o seu objeto de ódio. O judeu na mente do antissemita, não é humano, ele é tudo o que precisa ser eliminado, tudo que representa o mal, ou todos os males. Confirmando isso, o antissemita não considera que precisa de razão para odiar o judeu, se o judeu é o mal, e o mal precisa ser eliminado, toda a ação desse indivíduo que carrega o ódio, é “justificável” mesmo sem seguir uma lógica racional.

O antissemitismo, para ser combatido efetivamente, não deve ser tratado como uma questão de opinião ou como algo passível de debate. A argumentação sugere que é necessário evacuar o antissemitismo e seu agente, o antissemita, do campo da opinião, ou seja, não devemos considerá-los como algo que possa ser questionado ou relativizado. Isso implica que o antissemitismo é algo que deve ser reconhecido como um mal em si, e que não deve haver espaço para “opiniões” que os justifique ou minimizem. Além disso, o antissemitismo não deriva do regime da opinião, ou seja, ele não deve ser visto como uma ideia passível de debate ou de livre expressão dentro do campo da opinião pública. A ideia central aqui é a de que o antissemitismo não é uma mera visão de mundo, mas uma forma de preconceito e ódio que não deve ser tratado com a mesma liberdade de outros pontos de vista que são debatidos em um contexto democrático.

Para Sartre, a opinião é vista como parte de uma "composição" cujos elementos podem ser separados, algo que seria um hábito analítico herdado da "Revolução". Isso se baseia na crença de que as pessoas podem ser vistas como "mosaicos", nos quais cada peça se encaixa com as outras, sem que a coexistência dessas partes afete a natureza do conjunto. Em outras palavras, Sartre critica a ideia de que a complexidade humana pode ser reduzida a partes isoladas, onde cada uma poderia existir sem interferir nas demais:

Um homem pode ser um bom pai e um bom marido, um cidadão atento, altamente cultivado, filantropo e, em acréscimo, um antissemita. Ele pode gostar de pescar, ser dado aos prazeres do amor, ser tolerante em matéria de religião, pleno de sentimentos generosos a respeito das condições dos nativos da África Central e, além disso, detestar judeus (SARTRE, 1960, p. 10).

Segundo Lessa (2019), há uma distinção substantiva entre "opinião" e "doutrina". Essa afirmação, nos faz refletir o que é opinião e o que é doutrina. A doutrina pode ser considerada como um dogma, ou seja, aquilo que não pode ser questionado, a opinião é diferente, ela precisa está aberta a diferentes níveis de comprometimento. A opinião também precisa do antagonismo, da dialética, da dualidade, da elaboração lógica das ideias. O antissemitismo discorre ao contrário, ou seja, ele não se firma em algo concreto, e sim, em uma alucinação do absoluto. A história de Lucian Fleurier mostrará, o antissemitismo é ao contrário com a descoberta do verdadeiro eu, e com a colocação de um imperativo ontológico: a presença da terra, da família, da raça e da nação.

O antissemitismo não é simplesmente o resultado de um "espírito" ou de intuições individuais, mas é, antes, determinado por uma linguagem que comanda a visão do antissemitismo. Essa linguagem estereotipa e nomeia o judeu de forma preconceituosa. Ao usar a expressão "o judeu", a linguagem já carrega um significado universal e predeterminado, funcionando como um "realismo metafísico" que impõe um estereótipo negativo. Assim, o antissemita é guiado por essa linguagem e seus significados, mais do que por uma percepção pessoal ou intuição (ibid. 2019, p. 26-27).

## 1.1 O ódio aos judeus

As forças que compõe o antissemitismo na política, não foram elaboradas por longas datas, elas surgiram na Europa no por volta da década de 1780, porém, como fator na política governamental e partidária, teve seu início na Alemanha nazista, e de lá foi para outros países. Segundo Ernst Simmel, os massacres ao povo judeu dos dias atuais é uma repetição do que ocorreu na idade média. Atualmente milhares de judeus são mortos pela química demonizada; a quinhentos anos foram queimados na pira. A acusação sem fundamento racional, continua permanecendo a mesma. Na idade média, os judeus foram eliminados como discípulos do diabo (SIMELL, 2020, p. 4)

Os judeus vivem essa tensão e buscam lutar pelo seu espaço na sociedade onde vive. Tanto judeus franceses, quanto judeus alemães, não buscam negar a sua nacionalidade, mas, querem sua aceitação como um indivíduo pertencente a um país. O racismo para os judeus não é diferente entre um povo e outro, entre um antissemita e outro antissemita, todos se elaboram da mesma forma. Quando Frantz Fanon, fala sobre como aqueles que escrevem sobre a colonização, eles “precisam lembrar de uma coisa: que é utópico procurar saber que um comportamento desumano se diferencia de outro comportamento desumano. Não desejamos de forma alguma causar no mundo uma avalanche com os problemas que temos, mas gostaríamos de fazer uma pergunta a Monsieur Mannoni, se ele não entende que, para um judeu, as diferenças entre o antissemitismo de Mauras e o de Goebbels são imperceptíveis” (FANON, 2008, p. 85).

Por isso ao compreendermos a fala de Fanon, entendemos que o racismo não é menos importante em um lugar do que o outro, onde ele se manifeste, ele terá o mesmo objetivo, ou seja, de subjugar o outro. Por isso, não podemos comparar o antissemitismo com qualquer coisa que possa justificar o ódio, a luta do oprimido não pode ser comparada a subjugação do opressor, pois, uma opinião é fundada em um conceito racional e empírico, onde suas conclusões são baseadas na lógica e, não, no ódio, ou na idealização coletiva de um grupo de indivíduos. O antissemitismo, vindo de qualquer lado, não causaria nenhum tipo de dualidade entre os judeus. A ação antissemita sempre será uma ação antissemita.

## 2.0 CAPITULO II: ANÁLISE PSICOLÓGICA DO ANTISSEMITA

Na análise de Sartre, o antissemitismo apresenta uma perspectiva psicológica que destaca como as crenças antissemitas são frequentemente fundamentadas em raciocínios que buscam apenas validar ideias pré-existentes, ao invés de uma investigação genuína da verdade. Para ele, o antissemitismo não é apenas um preconceito superficial, mas sim uma manifestação complexa de desprezo e hostilidade que se expressa de diversas formas, desde críticas à cultura judaica até a noção de que os judeus são a raiz de todos os males da sociedade. Ele argumenta que essa visão metafísica que transforma os judeus em objetos, busca desviar a atenção das verdadeiras fontes de problemas sociais. Isso significa que, em vez de questionar instituições e sistemas que perpetuam injustiças, os antissemitas canalizam sua revolta contra indivíduos ou grupos específicos, simplificando a realidade em uma narrativa de vilão e herói (VAGNER, 2016, p. 5).

A violência antissemita cria uma ilusão de justiça. Os antissemitas, ao cometer atos de agressão, muitas vezes se sentem legitimados, como se estivessem realizando um bem. Essa dinâmica, revela uma anulação ao pensamento crítico, e uma visão maniqueísta do mundo, onde os antissemitas não conseguem ver as complexidades das questões sociais, mas apenas a luta entre o "bem" que acreditam defender, e o "mal" que atribuem aos judeus. Essa percepção é, em última análise, uma projeção de medos e inseguranças pessoais, refletindo um temor mais profundo em relação as mudanças sociais e à própria condição humana.

Entender a análise de Sartre e, porque ele começa pelo antissemita, é fundamental. Começar por esse indivíduo, não é simplesmente pensar nele inserido dentro de um sistema histórico, cultural ou social, mas, questionar a respeito de sua lógica interna. Uma primeira colocação, sugere-se que, o antissemitismo tem a sua gênese na mente do antissemita e, depois envolve uma questão corporal, exigindo assim uma passagem da mente, para o domínio físico. A "náusea", é o modelo por excelência da afetação psicossomática, ou seja, a rejeição física que esse sujeito tem pelos judeus, requer um comando, ou uma fixação pré-sensível, da direção da aversão. Também o antissemita se sente perseguido pelo judeu. Segundo Ernst Simmel, o antissemita persegue o que acredita como o "mal", por se sentir perseguido por ele, ou seja, o judeu.

O delírio paranoico específico da perseguição reflete claramente a mudança de um conflito eu-supereu interno para um conflito eu-objeto externo. A atitude do paranoico em relação ao perseguidor vacila entre medo e fuga, por um lado, e rebelião e ataque, por outro. Seu medo do perseguidor repõe [replaces] o seu antigo sentimento de culpa e substitui a agressão pela culpa. Esta é a situação delirante do antissemita que deve perseguir o judeu, porque ele se imagina perseguido pelo judeu (SIMMEL, 2020, p. 14).

O conflito acontece primeiro internamente, o delírio paranoico, especialmente no caso de um indivíduo que projeta seu medo e culpa internos para um objeto externo, como o perseguidor. A transição de um conflito eu-supereu, onde o sujeito lida com sentimento de culpa e agressão interna, para um conflito eu-objeto, em que o conflito é transferido para uma figura externa, como o "perseguidor", revela uma dinâmica de negação e projeção. O paranoico, ao invés de lidar com sua própria agressão ou culpa, desloca esses sentimentos para o outro, passando a viver em um constante ciclo de medo e fuga, ou de rebelião e ataque. Essa dinâmica é perfeitamente observada no antissemitismo, onde o antissemita, através de um delírio, projeta suas próprias frustrações e culpas sobre o judeu, criando uma falsa narrativa de perseguição. Esse processo permite ao antissemita se livrar da culpa interna ao atribuir a responsabilidade pela sua angústia a um "inimigo" externo. Assim, o judeu se torna o alvo de um ódio irracional, sem fundamento real, apenas refletindo uma distorção da realidade dentro da mente do perseguidor. Portanto, o delírio paranoico pode sustentar e até justificar ideologias de ódio, transformando vítimas inocentes em bodes expiatórios para os conflitos internos do indivíduo (SIMMEL, 2020, p. 14).

## **2.1 Racialização e o ódio**

Uma sociedade não pode ser meio racista, ou menos racista do que a outra. Fanon nos traz essa afirmação, ela é ou não é racista, não existe meio racismo, o racismo é completo, como todos os seus meios e o seu maniqueísmo quando ele afirma que, "Defendemos, de uma vez por todas, o seguinte princípio: uma sociedade é racista ou não o é" (FANON, 2008, p. 85). Precisamos compreender claramente essa evidência, para não deixarmos de lado muitos problemas. Ao dizer que o norte da França é mais racista do que o Sul, que o racismo é coisa de pessoas subalternas,

que a elite não está envolvida nesse processo, ou que a França é o país menos racista do mundo, é coisas de homens que são incapazes de pensar de uma forma lógica.

Fanon nos mostra como o judeu não é só um objeto de ódio, também de nojo, de repugnância, quando ele analisa uma moça antissemita. “No plano clínico, lembramo-nos da história da moça que sofria do delírio do toque, lavando-se constantemente as mãos e os braços desde o dia em que tinha sido apresentada a um israelita” (ibid. 2008). O antissemita coloca o judeu em um estado de putrefação humana, onde além de todo mal político e social que lhes é atribuído, também como toda a doença, praga e contaminação. Para o antissemita, não se deve respirar o mesmo ar dos judeus, e nem está no mesmo local que eles estão.

As perguntas chaves, nós encontramos nos detalhes de cada forma de pensar do antissemita, então, nós fazemos perguntas que detalham esse pensamento, o que devemos fazer com uma praga? Como devemos exterminar o mal? Esse mal, não existe de uma forma racional, ele existe dentro de um ego, onde o sujeito possuidor do mal, precisa desse mal para estar em uma posição “superior” ao outro, o outro que é esse objeto de desejo para se praticar o mal.

Essa é a justificativa do antissemita, colocar o judeu como um símbolo dentro dos seus objetivos. O antissemita rouba, mata, destrói símbolos religiosos dos judeus, mutila corpos e estupra as mulheres judias, porém, essa é a mesma acusação que eles fazem aos judeus. “O antissemita é sobretudo alguém que deseja a eliminação do “judeu” e, por força desse móvel, “cria o judeu” (LESSA, 2019, p. 4). Ao criar o judeu, cria a si mesmo, mas a diferença é que o judeu dentro dessa engenharia maquiavélica, é o sujeito a ser morto e, o antissemita, o herói. Esse ‘Jesus”, encarnado que veio se vingar do judas, do traidor, daqueles que mataram o seu Deus.

Essas nuances citadas, fortaleceram a crença de Hitler na superioridade da “raça ariana” e, a conexão com o ódio humano primário, sugere que Hitler via a unificação da humanidade como resultado de um ódio coletivo direcionado a um inimigo externo, neste caso, os judeus. Hitler projetava suas próprias tendências destrutivas, acusando os judeus de querer “contaminar” o sangue ariano. Essa ideia se assemelha à acusação de profanação da hóstia, onde o antissemitismo era uma forma de transferir a culpa para os judeus, negando a própria agressividade humana (SIMMEL, 2020).

Ainda segundo Simmel, a visão de Hitler sobre os judeus, é o papel do ódio no contexto psicológico e político de sua ideologia. Hitler com uma percepção distorcida

e paranoica, viu a assimilação dos judeus nas sociedades como um "perigo" para a "paz passional" do mundo. Para ele, e seus seguidores, os judeus representavam um objeto de ódio necessário para manter uma coesão interna. A assimilação dos judeus, ou seja, sua integração nas nações em que viviam, seria como "devorá-los totalmente", o que significaria perder esse "objeto" que alimentava o ódio antissemita.

Hitler, ou qualquer oponente que fosse contra seu regime ou sua ideologia poderia ser classificado como "judeu". Isso não se referia à etnia ou religião judaica em si, mas sim a uma forma de rotular aqueles que ele queria destruir. Ao fazer isso, ele manipulava o ódio primitivo que seus seguidores já sentiam pelos judeus e o direcionava para outros inimigos, como os ingleses, russos e americanos, utilizando o antissemitismo como uma ferramenta de propaganda para justificar e fortalecer sua guerra e ideologia.

Com as observações que fizemos sobre Hitler, entendemos as observações de Aimé Césaire, sendo ele martinicano, afirma que o antissemitismo lhe atinge pela carne, que lhe traz emoções esse quadro histórico aterrorizante, que lhe debilita e nega a possibilidade de ser homem, ou de ser humano, que ele não poderia deixar de ser solidário ao destino que foi dado aos irmãos judeus. Para ele, todos os atos atingem o homem, seja a coragem, ou seja, a covardia.

Quando ligo o rádio e ouço que, na América, os pretos são linchados, digo que nos mentiram: Hitler não morreu; quando ligo o rádio e ouço que judeus são insultados, desprezados, massacrados, digo que nos mentiram: Hitler não morreu; quando ligo enfim o rádio e ouço que na África o trabalho forçado está instituído, legalizado, digo que, na verdade, nos mentiram: Hitler não morreu (FANON, 2008, p. 87-88).

Ao trazer o pensamento de Césaire, Fanon nos mostra como ódio ao judeu também pode ser o ódio ao negro, ou a qualquer povo que não seja ariano. O pensamento de Hitler, está além do próprio Hitler, ele é ideológico, onde o seu ideal é extirpar todas as "raças que não sejam arianas. Esse é o sentimento mais profundo que o antissemita tem. Césaire nos mostra que se preocupar com a condição dos judeus, é se preocupar também com a própria condição. Hitler está vivo em qualquer ato universal racista, como também os nossos atos de covardia e coragem para com o próximo, eles estão universalmente intrínsecos ao outro.

## 2.2 O antissemita, um apaixonado

Sartre vai afirmar que o antissemitismo é uma coisa bem diferente de um pensamento, antes de tudo, ele se configura como uma paixão. Os antissemitas mesmo sendo pessoas “moderadas”, ou uma pessoa educada, dirá que não odeia os judeus, porém, a sua preferência, é que eles tivessem participação reduzida na sociedade. Eles afirmam que deve haver alguma coisa nos judeus que lhes incomoda fisicamente. O que lhes poderiam incomodar em uma pessoa que não lhes causou nenhum mal? Por isso Sartre questiona que, “Em primeiro lugar, ele tem relação com a lógica passional, pois pode-se imaginar alguém que diga seriamente: “Deve haver alguma coisa com os tomates, porque eu detesto tomates” (SARTRE, 1960). Então, a ideia que se passa na cabeça desse indivíduo, é uma imagem de ódio movido pela paixão que se revela no corpo.

O processo da paixão exige, pois, o engajamento do corpo: o antissemitismo não é apenas uma paixão da alma, ele é sobretudo uma paixão do corpo; ou melhor, uma paixão no corpo; ele acontece no corpo. Espera-se que o antissemita seja capaz de agir e de comportar-se de um modo decorrente de comandos provenientes de suas paixões. O corpo é envolvido de modo compulsório nessas passagens ao ato implicadas: ofender, surrar, matar (LESSA, 2019, p. 26).

Uma outra análise é importante ser citada, é a de Fanon, quando ele nos mostra mais pontos a respeito dessa observação, e como esse fenômeno surge contra os judeus. Ele afirma que, “o exame dos questionários mostrou que os indivíduos mais fortemente antissemitas pertenciam às mais conflitantes estruturas familiares. Seu antissemitismo era uma reação a frustrações sofridas no meio familiar” (FANON, 2008, p. 139). Fanon diz, como o antissemita, mas radical, surgiu no seio da família. O conflito familiar, e a sua desestrutura, também eram responsáveis por gerar um sujeito racista. Quando se racializa o judeu, coloca ele como objeto de substituição, ou seja, o mesmo fato que as situações familiares geraram no antissemita, dependendo das circunstâncias locais, o mesmo ódio é gerado aos negros, ou ao anticatolicismo. Por isso, Fanon diz que, “Pode-se então dizer que, contrariando a opinião corrente, é a atitude que encontra um conteúdo e não este último que cria uma atitude” (ibid. 2019).

Ao entendermos que o antissemita radical nasce no seio familiar, ou seja, na rejeição que essa família tem por esse sujeito, e como ele se manifesta no mundo através dessa rejeição, essa própria rejeição vai se transformar em ódio que lhe moverá para rejeitar o judeu, esse ódio se tornará uma paixão, porque se o antissemita é um apaixonado, o que ele escolhe como paixão é o ódio.

Ele é movido pelo ódio que antecede a razão, ou seja, a razão na mente desse indivíduo é serva do ódio. Todo o seu movimento racista é marcado por se sentir rejeitado, é um movimento coletivo, onde se faz de uma minoria, a própria avalanche social. A sua culpa, as suas fragilidades, as suas vontades mais vis, são colocadas sobre pessoas que não lhes causou mal algum, apenas foi desenhada pela história, e pela mente de sujeitos que precisam reafirmar a sua covardia e rejeição, praticando e culpando o outro, ou seja, os israelitas, de cometerem o seu próprio mal. Se atribuímos todo mal ao outro, retiramos a nossa responsabilidade sobre suas vidas. Esse mal como todo mal, não pode ficar empune, não pode permanecer porque pode contaminar a prole. A paixão sempre leva o apaixonado a fechar os olhos para o real, para as evidências.

Assinalei há poucos que o antissemitismo se apresenta como paixão. Todos entendemos que se trata de uma afecção de ódio ou de irá. Mas em geral o ódio e a irá são provocados: odeio quem me faz sofrer, debocha de mim ou me insulta. Acabamos de ver que a paixão antissemita não poderia ter esse caráter: ela se antecipa aos fatos que poderiam originá-la, busca-os para alimentar-se, precisa até interpretá-los à sua maneira para que se tornem verdadeiramente injuriosos. E, no entanto, se falarmos do judeu ao antissemita, este dará grandes sinais de uma grande irritação. Se, por outro lado nos lembrarmos que devemos sempre ceder a irá para que ela possa manifestar-se, teremos de convir que o antissemita escolheu viver à maneira passional. Não é raro que se prefira uma vida passional a uma vida racional (SARTRE, 1960, p. 14).

A paixão é uma crença, essa crença é movida por acreditar que o judeu é o mal que precisa ser exterminado, por isso, ao abordar o pensamento de Sartre sobre a negação da razão do antissemita em detrimento à paixão, vamos analisar a ideia de crença proposta pelo filósofo e psicólogo escocês Alexander Bain, destacando a crença como um "hábito de ação", em vez de um conjunto de prescrições abstratas. A ideia central é que a crença não é simplesmente um conjunto de ideias ou regras que uma pessoa adota, mas sim um padrão de comportamento repetido, ou uma

tendência a agir de determinada maneira, com base no que se acredita ser verdade. Bain sugere que as crenças podem ser divididas em diferentes camadas, de acordo com sua profundidade e impacto no comportamento humano. Algumas crenças são superficiais e ocasionais, ou seja, são temporárias e facilmente descartáveis, mudando conforme novas experiências ou persuasões. Por exemplo, você pode acreditar em algo por um tempo, mas, se uma nova informação aparecer, pode facilmente abandonar essa crença sem que isso afete profundamente a sua identidade ou modo de agir. Por outro lado, existem crenças mais profundas e fundamentais, que são mais difíceis de mudar, e são essas crenças que envolvem os antissemitas. Essas crenças não apenas influenciam a maneira como vemos o mundo, mas também moldam a nossa própria experiência e percepção da realidade. Elas são estruturantes, ou seja, funcionam como a base ou alicerce sobre o qual outras crenças e experiências se constroem. São essas crenças que, de certa forma, "sustentam" nossa visão de mundo e nossa forma de viver (LESSA, 2019, p. 29).

A ideia de Sartre, propõe uma estrutura básica da crença, algo essencial que orienta a ação e a percepção do indivíduo. Sartre sugeria que as crenças mais profundas formam a base da nossa identidade e da nossa ação no mundo, sendo mais fixas e menos suscetíveis a mudanças rápidas ou superficiais. Essas crenças, são tão fundamentais que, muitas vezes, nem percebemos o impacto delas no que experimentamos ou como nos comportamos. Destacar a importância das crenças mais estruturantes, aquelas que são "básicas e fortes". Elas não só influenciam a maneira como interpretamos as experiências, mas tornam a própria experiência possível, ou seja, sem essas crenças fundamentais, a nossa percepção do mundo e a nossa capacidade de agir nele, seriam diferentes, ou até mesmo impossível. As crenças são elementos dinâmicos que moldam nossas ações e percepções, variando de crenças superficiais e facilmente modificáveis a crenças profundas e estruturantes, que sustentam a nossa existência e a forma como nos relacionamos com o mundo. A ideia central é que as crenças são fundamentais para a experiência humana, sendo não apenas uma reação ao mundo, mas também o que possibilita a compreensão e a interação com ele (LESSA, 2019, p. 29). As crenças envolvem o sentimento do apaixonado. Como Sartre afirma que a paixão, também a crença, ambos levam o indivíduo a agir de uma tal forma, e a perceber esse mundo de uma maneira absolutista.

Querer acreditar, pode se tornar um problema como passa por cima do direito de humanidade de outros grupos, ou seja, grupos minoritários. A cosmovisão que temos é de suma importância para nos significar e ressignificar no mundo, as crenças tem a sua importância na vida do sujeito. A problemática da crença ou da paixão, ou do ser apaixonado é não colocar a razão como base para a humanidade ou humanização de outras pessoas. “Mas é porque em geral amamos os objetos da paixão: as mulheres, a glória, o poder e o dinheiro” (SARTRE, 1960, p. 12).

### 3.0 CAPÍTULO III: O “AMIGO” DO JUDEU, O DEMOCRATA

A figura do "democrata", que, embora defenda a igualdade de direitos, muitas vezes não reconhece ou valoriza a diversidade cultural e a individualidade das minorias. Essa postura gera uma desconexão entre o ideal de igualdade e a realidade vivida por grupos marginalizados. Para o democrata, todas as coletividades podem ser reduzidas a uma soma de indivíduos, ignorando as nuances e experiências específicas de cada grupo. Sartre argumenta que tanto o antissemitismo quanto o conservadorismo francês erram em lidar com a complexidade da sociedade. Ambos os lados, segundo ele, tendem a simplificar a realidade, resultando em uma falta de compreensão das tradições e suas implicações. A conclusão de Sartre é que o racismo, em suas várias formas, é uma expressão do medo da diversidade e da aversão à riqueza da experiência humana. Assim, ele nos convida a refletir sobre as raízes do preconceito e a importância de reconhecer e valorizar a pluralidade das identidades culturais e sociais (VAGNER, 2016, p. 06).

A partir da análise de Lessa (2019), O democrata é herdeiro da Revolução Francesa, liberal, centrista e político, defensor da decência e “amigo” dos judeus. Ao continuar a sua análise, Lessa afirma que Sartre faz a distinção entre o democrata e o antissemita. A diferença que ele faz tem uma importância para compreender como o antissemita pensa no judeu que revela o seu judaísmo, que seria por meio de suas ações. Exemplo disso é a avareza judaica que para o antissemita é diferente de uma avareza cristã, porque para ele, a avareza é prática de um judeu. Para “defender” o judeu dessas acusações, o democrata o coloca-o em outro lugar, em um lugar de sujeito universal, com isso o democrata elimina a singularidade do judeu, visando o homem universal. “Ou seja, não haveria mais uma avareza do judeu, mas a avareza do “homem” “ (BARROS, 2010, p. 179). Por isso Sartre afirma que o democrata rejeita o judeu singular em detrimento de torná-lo esse homem.

O democrata não reconhece o judeu, mas apenas “um homem”. Não considera, portanto, a situação do judeu. Neste sentido, o democrata nega a questão judaica. Todas as relações concretas estabelecidas, como a família, com a sociedade ou com a religião são dissolvidas. Também, o democrata teme a consciência de que o judeu possa ter de sua condição. Ele não quer

“dar ao judeu uma consciência mais precisa de si mesmo.” (SARTRE, 1963, p. 34).

O democrata, nega o judeu enquanto judeu, ele nega a sua questão judaica e o coloca em um lugar de um sujeito universal. Ele acredita ser amigo do judeu, fazendo o mesmo negar o seu judaísmo. O judeu tem a sua singularidade, ou seja, ele não equivale a outro homem qualquer. O judeu não tem uma maldade inata, ele deve ser o que é, sem ser colocado em um lugar de estereotipação. Sartre, afirma que o papel do democrata é tirar a autenticidade do judeu. Tirando a sua autenticidade, tira quem ele é. “Não conhece o judeu, nem o árabe, nem o negro, nem o burguês, nem o operário: mas tão somente o homem, em todos os tempos, em todos os lugares parecido a si próprio”. O democrata aceita o judeu como homem, e o retira como judeu, ou seja, nega a sua questão judaica. O democrata nega a religião do judeu, a sua comunidade étnica, a sua família, com o fim de colocá-lo dentro de seu conceito democrático, de onde o judeu sairá nu e solitário no mundo (SARTRE, 1960, p. 38).

### **3.1 O judeu autêntico**

Ser um judeu autêntico é encarar o problema da situação, e não fugir mais da condição que lhe foi imposta. O judeu inautêntico, é aquele que toma uma atitude perante as suas adversidades, negando assim a sua situação, ou seja, procura não ser judeu, tornando-se qualquer homem, se desvencilhar-se de sua singularidade para ser um sujeito universal. Mediante a racionalização, o judeu quer ser aceito como homem e, não como um ser abstrato. “Assim, constata-se o judeu se afastando cada vez mais de si próprio. Há um desespero em tomar consciência de si mesmo, pois faz de tudo para apagar os seus traços judaicos” (BARROS, 2010, p. 182). O judeu nega a sua situação judaica, mesmo querendo não ser judeu, mesmo querendo se negar, sabe que não pode, porque a todo momento o judeu é reenviado a sua situação. Mesmo negando a si, os outros lhe acusam de sua condição.

O judeu criado pelo antissemita, no caso do homem autêntico, ele confirma aquilo que ele é, ele de nenhuma forma tentará esconder o seu judaísmo, mais confirmara a sua descendência, os seus traços e a sua comunidade étnica.

A autenticidade judaica consiste em escolher-se como judeu, isto é, em realizar sua condição judaica. O judeu autêntico abandona o mito do homem universal: ele se conhece e se quer na história como criatura histórica danada; cessou de evadir-se e de sentir vergonha dos seus. Compreendeu que a sociedade é má; ao monismo ingênuo do judeu inautêntico, substituiu um pluralismo social; sabe que é à parte, intocável, infamado, proscrito como tal que ele se reivindica. (SARTRE, 1963, p. 79)

Na sua autenticidade que se nota o judeu, na sua autenticidade ele quer ser aceito enquanto homem, ele quer reivindicar a sua humanidade, a sua vida, e a sua cultura dentro do território. O discurso que iguala todos os homens não é aceito pelo judeu autêntico, porque ele defende a sua singularidade, um ser pertencente a uma situação singular. Ao invés de negar a sua situação, ele compreende e luta para se reivindicar no mundo. O judeu autêntico, quer ser aceito enquanto ser singular, quer ser aceito enquanto judeu, então, ele busca a retomada de si mesmo, ou seja, não há mais uma negação de si, do judaísmo, como ocorre com o judeu inautêntico, ao contrário, ele assume uma relação direta com si mesmo, com a sua condição, ele se assume (BARROS, 2010, p.182).

Enquanto o racismo anula as epistemologias do povo judeu, anula também a sua identidade como povo. O antissemita, retira a humanidade do judeu, o democrata a sua autenticidade como um ser singular. Enquanto uma busca deletar os judeus, o outro anula-os colocando como homem universal. O judeu verdadeiro nunca deixará retirar de si a sua autenticidade, o seu judaísmo, o que lhe caracteriza no tempo e espaço como um indivíduo que entende as suas nuances e quer o seu direito perante a sociedade que se encontra, mesmo sabendo que está mesma sociedade lhes rejeita como humano. Nunca negar, mas, sempre afirma, porque se afirmando, ele combate o Hitler, se afirmando, ele se sobrepõe a todos os estereótipos que lhes foi colocado. Se afirmando ele se torna um judeu autêntico.

### **3.2 O fim do antissemitismo**

A democracia, especialmente em relação à sua função protetora e à forma como se opõe ao autoritarismo, busca a ideia central que é a contrapropaganda ao antissemitismo, porém, não deve ser vista apenas como uma medida de defesa só para os judeus, mas como uma ação essencial para a preservação da humanidade

em si, que, por sua vez, protege os direitos e a dignidade de todos os indivíduos, independentemente de sua origem ou identidade.

Numa democracia, cada indivíduo é respeitado em sua integridade física e espiritual, sendo que a democracia permite a coexistência de grupos diversos sem que a identidade do indivíduo seja dissolvida ou subjugada pelo grupo. Ao contrário dos regimes autoritários, onde o líder exerce um poder absoluto e a multidão é manipulada e controlada por meio do terror, na democracia a ação é orientada pela reflexão e pelo pensamento racional, sendo o processo de tomada de decisão mais reflexivo e coletivo. A menção ao sistema parlamentar sugere que as decisões políticas devem refletir as vontades do grupo social de forma equilibrada e justa, sem o risco de uma tirania centralizada. O presidente ou líder executivo, em uma democracia, não é um ser acima dos outros, mas parte do coletivo. O poder, portanto, não reside em uma autoridade absoluta, mas em um sistema onde o controle e a justiça são atribuídos a um corpo de tribunais, que têm a responsabilidade de proteger a lei e a ordem, punindo quem infringe os direitos dos outros, incluindo figuras de autoridade, se necessário (SIMMEL, 2020, p. 27).

A contrapropaganda ao antissemitismo, portanto, se torna não só uma defesa de um grupo oprimido, mas uma defesa de um sistema que protege todos os cidadãos contra qualquer forma de discriminação, exclusão ou abuso de poder. Sartre não coloca o antissemita como um problema exclusivo dos judeus e, sim de todos, por isso é importante a democracia está presente como preservação da vida dos indivíduos como um todo.

Ao fazer uma exposição do o sistema democrático citado acima, vamos compreender como Sartre entende essa questão quando ele diz que, “Afirmaremos que da mesma maneira que o antissemita não é um problema judeu: é nosso problema” (SARTRE, 1960, p. 103). Se o antissemita é o nosso problema, qual a solução para resolver esse caso que traz um recorte profundo na história? A conclusão analítica de Sartre busca uma organização que olhe para esse problema como um problema universal.

Antes de tudo não cabe aos judeus organizar uma liga militante contra o antissemitismo, mas a nós. É evidente que por si que semelhante liga não suprirá o problema. Mas se ela se ramificasse por toda a França, se conseguisse obter o reconhecimento oficial do Estado, se sua existência se suscitasse, em outros países, ligas análogas às quais ela se uniria afim de formar, enfim, uma associação internacional, se intervisse eficazmente em

qualquer parte onde lhe assinalassem injustiças, se atuasse através da imprensa, da propaganda e do ensino, alcançaria um triplo resultado (SARTRE, 1960, p. 103).

A liga proposta por Sartre, traz algumas conclusões. Primeiro, as pessoas que são contra ao antissemitismo teriam a oportunidade de se unir em uma coletividade ativa, depois fariam um grupo organizado pela força de atração que esses indivíduos teriam, e por último, ofereceria um adversário à altura, para combater o antissemitismo, ou seja, um adversário que se opusesse ao país real, ao país legal. Uma comunidade concreta que lutaria pela democracia e o direito de todos, e combatendo o antissemitismo na sua raiz, ou seja, combatendo o antissemita e as suas articulações na sociedade.

### **3.3 O combate ao antissemitismo**

Para combater o antissemitismo, e criar uma liga que vá de encontro às suas ideias, é preciso compreender e analisar a noção de racialização, e refletir questões que diz respeito ao próprio judeu e como ele está inserido na sociedade capitalista. Com a sua fama de “financiador do capitalismo” e a de “trabalhador comunista”, ou “subversivo”. Os antissemitas acreditavam que a presença de judeus em vários setores sociais foi de suma importância para a idealização de um movimento judaico internacional que visava destruir os valores da sociedade ocidental cristã (COSTA, 2011, p. 1). Com esse conceito que citamos no capítulo um, que o antissemitismo ganha forma e um corpo político na Europa e, se estende ao apogeu no meado do século XX, com a força do Partido Nazista e a ideia histórico-política e científica de uma raça pura, ou seja, a raça ariana.

Por último, e não menos importante, é necessário compreender o antissemitismo em seus diversos aspectos. Ele não se manifestou de forma racional ou irracional. Ele se apresentou com um grau de complexidade que utilizou tanto elementos objetivos quanto subjetivos, não só no campo político-econômico, a partir de seu posicionamento nas classes, ou nas elaborações raciais científicas que buscavam uma justificativa concreta para a inferiorização do judeu e/ou para a sua classificação como irremediavelmente desonesto, usurário, trapaceiro, mas também na subjetividade de todos esses aspectos, a partir de bases mitificadoras, como

apresentado pelo psicanalista austro-húngaro Wilhelm Reich (ibid. 2011, p. 1-2).

Costa afirma que a complexidade do antissemitismo, não se manifestou de maneira simples ou unidimensional. O antissemitismo envolveu tanto elementos objetivos (como condições políticas e econômicas) quanto subjetivos (como crenças e mitos). Antissemitismo não racional ou irracional: O antissemitismo não se manifesta apenas de maneira "racional" (baseada em argumentos lógicos ou evidências) nem de maneira "irracional" (sem fundamento ou lógica), mas é uma combinação de ambas, com aspectos complexos que envolvem tanto fatores objetivos quanto emocionais: O antissemitismo esteve presente nas relações de poder e na distribuição de riquezas. Por exemplo, os judeus foram muitas vezes estigmatizados como pertencentes a classes sociais específicas, como comerciantes ou banqueiros, o que gerava uma imagem negativa associada à riqueza ou ao controle econômico.

Costa afirma que a complexidade do antissemitismo, não se manifestou de maneira simples ou unidimensional. O antissemitismo envolveu tanto elementos objetivos (como condições políticas e econômicas) quanto subjetivos (como crenças e mitos). Antissemitismo não racional ou irracional: O antissemitismo não se manifesta apenas de maneira "racional" (baseada em argumentos lógicos ou evidências) nem de maneira "irracional" (sem fundamento ou lógica), mas é uma combinação de ambas, com aspectos complexos que envolvem tanto fatores objetivos quanto emocionais: O antissemitismo esteve presente nas relações de poder e na distribuição de riquezas. Por exemplo, os judeus foram muitas vezes estigmatizados como pertencentes a classes sociais específicas, como comerciantes ou banqueiros, o que gerava uma imagem negativa associada à riqueza ou ao controle econômico. O antissemitismo foi um fenômeno multifacetado, envolvendo não apenas questões econômicas e políticas, mas também um aspecto psicológico e simbólico, onde mitos e estereótipos desempenharam um papel importante. O ódio aos judeus não surgiu de uma simples razão ou irracionalidade, mas de uma combinação complexa de fatores objetivos e subjetivos. Por isso, quando Sartre fala de uma comunidade contra o antissemitismo, se entende que o judeu não pode estar só nessa causa e sim, uma coletividade de pessoas. Se o antissemitismo é um espaço simbólico que quer destruir tanto as epistemologias judaicas, quanto o próprio povo judeu, essa coletividade

entende que o judeu não deveria perder o seu judaísmo como quer o democrata, ele deve ser autêntico e confirmar a sua comunidade étnica e social em busca de uma unidade coletiva para lutar contra o racismo dentro de um coletivo não só local e, sim, mundial.

Entendendo como o antissemitismo surge e como ele ganha corpo na Europa, entendemos como combatê-lo. A importância de saber o fenômeno antissemita é, saber que ele em si não surge só como um fator histórico e sim na mente do racista. Quando termina a segunda guerra mundial, tanto Sartre, quanto grandes intelectuais da época como Aimé Césaire, Frantz Fanon entre outros, estavam em debate sobre o humanismo, sobre os direitos humanos. Quando Sartre afirma que onde o judeu estiver ameaçado o povo francês também está ameaçado, ele não está falando de um judeu que deixa de ser judeu e se torna um homem universal, ele aborda sobre o judeu autêntico, ou seja, aquele que deve ser aceito como um judeu, como um francês, porque o próprio francês pode não ser aceito como francês em um dado momento, em alguma parte do mundo. Criar uma comunidade que combata o racismo proposto por Sartre, é criar um mundo humanista e que defende o direito de vida de cada ser singular, porque a humanidade de cada um se faz no coletivo. Escolhas, opiniões, conceitos e qualquer pensamento ideológico, todos devem estar dentro da democracia e do direito à vida, e da integridade do indivíduo em qualquer lugar do mundo, essa é a forma de combater o antissemitismo ou qualquer coisa que se assemelhe.

## 4.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao compreender que Sartre foi um intelectual engajado, enfrentando questões de seu tempo, como a questão judaica, ele analisa, em primeiro lugar, o antissemitismo. Sartre coloca o antissemitismo como um fenômeno a ser combatido, pois o antissemitismo é movido pela paixão, que anula a razão. Nesse contexto, fica claro que qualquer forma de violência racial está distante da racionalidade. Ao questionar o que é opinião, Sartre defende que a opinião deve estar centrada na razão, sendo ambas, razão e opinião, conceitos que devem ser intrinsecamente ligados.

O maniqueísmo do antissemitismo teve como objetivo racializar e estereotipar os judeus, criando o mito do "judeu", que se tornaria eternamente o assassino de Cristo, um avaro, e o responsável por todos os males da sociedade, aquele que deseja roubar o mundo e empobrecer as pessoas. Ao atribuir ao outro a culpa por todas as mazelas sociais, o antissemitismo busca desumanizar o outro para, assim, afirmar uma falsa superioridade. Os judeus sempre se mantiveram firmes na defesa da razão, pois, caso contrário, estariam criando brechas que justificariam sua própria morte. Ser contra o antissemitismo é, portanto, abraçar o direito à vida e reconhecer a singularidade dos indivíduos, permitindo que cada um exerça sua humanidade perante o outro.

Quando Aimé Césaire afirma que aqueles que odeiam os judeus também odeiam os negros, ele nos alerta sobre a necessidade de analisar o antissemitismo em todas as suas dimensões para poder combatê-lo efetivamente. Essas ideias humanistas fervilharam na Europa no século XX, especialmente após a Segunda Guerra Mundial. Sartre foi um dos pioneiros desses conceitos, pois compreendia que a urgência de construir uma narrativa contra o antissemitismo, o colonialismo e o pós-colonialismo eram fundamentais não apenas para os grupos racializados, mas para toda a comunidade mundial. Frantz Fanon também denunciou essas questões em suas obras, como *Pele Negra, Máscaras Brancas* e *Os Condenados da Terra*, sendo que a segunda conta com um prefácio de Sartre, no qual denuncia o colonialismo europeu. Tanto Sartre, quanto Césaire e Fanon, estavam profundamente preocupados com o presente e com o futuro da humanidade. Por isso, em vez de se concentrarem em uma história do passado, eles se dedicaram a denunciar as mazelas

raciais do presente e a construir um direito à humanidade, focando na denúncia do colonialismo e suas consequências.

Compreender os apontamentos de Sartre sobre *A questão judaica* é entender a urgência de uma análise profunda do sujeito racista, das bases políticas e ideológicas que ele constrói, e de como esses indivíduos se organizam ao redor do mundo. Quando Sartre propõe a criação de uma coletividade que combata o racismo, ele não está se referindo apenas a uma comunidade local. Ele defende que essa comunidade deve nascer como uma célula, expandir-se com o apoio das mídias e de todos aqueles que se opõem ao antissemitismo. Essa coletividade, segundo Sartre, precisa tomar o mundo, pois ele via o mundo sendo dominado pelos antissemitas. Em conclusão, entender as análises de Sartre não é simplesmente examinar todos os tipos de racismo, mas adquirir uma ferramenta fundamental para lutar contra essa forma de opressão. Conhecer a história é essencial, mas o mais importante é sempre buscar mudar essa história.

## Referências

**ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max.** Elementos do antissemitismo: limites do esclarecimento. In: \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. p. 139-171.

**ARRAES, Marco Antonio.** Sartre e o humanismo racista europeu: uma leitura sartriana de Frantz Fanon. *Sociologias*, Porto Alegre, 2011.

**CÉSAIRE, Aimé.** *Discurso sobre o colonialismo*. São Paulo: Veneta, 2020.

**COSTA, David Rehem.** O antissemitismo (ou a necessidade de se discutir formas de opressão baseadas no preconceito racial). In: **Simpósio Nacional de História**, 27., 2013, Natal. Anais [...]. Natal: ANPUH, 2013.

**FANON, Frantz.** *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

**LESSA, Renato.** Do antissemitismo como paixão: a propósito das reflexões sobre *A questão judaica* de Jean-Paul Sartre. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2019. p. 61-108.

**MEMMI, Albert.** *Retrato do colonizado precedido de retrato do colonizador*. Tradução de Claudio López Garrido. Santiago de Compostela: Laiovento, 2016.

**SARTRE, Jean-Paul.** *O ser e o nada*. Tradução de Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 2001.

**SARTRE, Jean-Paul.** *Reflexões sobre a questão judaica*. São Paulo: Europeia do Livro, 1963.

**SIMMEL, Ernst.** Antissemitismo e psicopatologia de massas. *Revista Lacuna*, Clássico, n. 10, 2020. Tradução de Gabriel K. Saito.

**VAGNER, Eli.** Reflexões sobre o racismo de Jean-Paul Sartre: uma análise das origens psicológicas do preconceito racial. Bauru: UNESP, 2016.

